

Recensão

Christian Plantin. 2016. *Dictionnaire de l'argumentation. Une introduction aux études d'argumentation* (coll «Langages»). Lyon : ENS éditions, 633 páginas. ISBN: 978-2-84788-416-6.

Christian Plantin, atualmente professor emérito da Universidade Lumière Lyon 2, é uma das referências internacionais no que concerne aos estudos da argumentação. Com uma obra vasta na área da análise dos discursos e da pragmática, é na investigação sobre a argumentação nos discursos que o seu trabalho se inscreve preferencialmente. De facto, não é possível trabalhar nesta área sem passar pela leitura atenta por todas as publicações que, desde *Essai sur l'argumentation*, de 1990, têm marcado a sua reflexão sobre a argumentação a nível internacional (variadas traduções, nomeadamente em português, são também testemunha) e de que o dicionário agora apresentado é um ponto culminante.

Esta obra é, pois, o resultado de um longo percurso de investigação dedicada aos estudos da argumentação. É o próprio autor que assume a herança de outros trabalhos, que considera fundadores, porque «...ont réconceptualisé le domaine de l'argumentation...», e de muitos outros investigadores aos quais explicitamente agradece; são «...ceux et celles avec qui [l'auteur a] pu discuter et partager ces travaux sur l'argumentation».

Tal como o dicionário de Charaudeau e Maingueneau (2002), de que o autor é aliás colaborador e ao qual expressamente se associa, foi, ou melhor, é uma obra estruturante desse domínio heterogéneo e complexo que é a análise do discurso, também este *Dictionnaire de l'argumentation* constitui um marco fundamental na definição e estabilização da argumentação como área moderna dos estudos sobre os discursos, numa perspetiva que, sendo abrangente, se faz a partir das ciências da linguagem, em que, de resto, se situa toda a investigação e publicação do autor.

No entanto, Plantin, no que lembra a expressão de Maingueneau (2014) de «boîte à outils», reivindica para o dicionário que elaborou e apresenta a tarefa de reunir «...un ensemble de termes relativement techniques qui forment un vocabulaire partagé des études d'argumentation» (p.9). É uma síntese do conhecimento desenvolvido sobre argumentação na atualidade, a partir de contributos diversos.

Em suma, o *Dictionnaire de l'argumentation* constitui uma resposta muito interessante às questões e dúvidas expostas por Amossy (2011) quanto à possibilidade de afiliação da argumentação às ciências da linguagem.

Passemos, então, à organização da obra. O índice, que poderá passar despercebido dado ter sido deslocado para a página 629, enumera 6 partes: *Remerciements; Avant-propos; Conventions, Dictionnaire, Références e Table d'entrées*. Centrar-nos-emos no *prefácio* (*avant-propos*) e no *dicionário*, sem descurar a importância de cada uma, como é o caso das referências bibliográficas, que são um repositório valioso do muito que tem sido investigado na área.

O *prefácio*, de quatro páginas, é de leitura obrigatória não só para a consulta do dicionário, mas também para o enquadramento teórico do trabalho. Como se refere na página 7, trata-se de uma abordagem da argumentação como «...activité langagière, et, plus fondamentalement, comme une activité sémiotique ayant ses racines dans l'exercice ordinaire du langage ». Mais ainda, esta é a proposta do autor para uma teoria da argumentação; o carácter dialogado e oral da linguagem do quotidiano é o quadro preferencial de exercício – e análise – da argumentação, assente no carácter “anti-fónico” da linguagem. Tomada como uma atividade verbal, é na sua dimensão enunciativa e interacional que o dicionário situa a argumentação (p. 9).

O dicionário propriamente dito não segue unicamente o critério alfabético, ao qual na verdade se sobrepõe uma organização em rede, de noções conectadas entre si. Daí a

categorização das entradas (p.10) em entradas principais (248) e entradas secundárias (66), estas assinaladas no índice por esbatimento da cor dos caracteres. Nestes casos, acrescenta o autor, «Une entrée secondaire correspond soit à une notion homonyme d'une entrée fondamentale, soit à une notion définie sous une entrée fondamentale. Dans les deux cas, elle renvoie à l'entrée principale où la notion est définie». Na consulta do dicionário, significa, por exemplo, encontrar na p. 413 a entrada «Ontologique, arg » reenviada, para definição, para a entrada « A priori, A posteriori, arg», desenvolvida na p. 27-28. Este exemplo torna evidente a necessidade de percorrer com atenção a secção *Conventions*.

As entradas estão ainda amplamente documentadas, com exemplos, citações e alguns esquemas. Há uma clara preocupação exemplificativa e até mesmo didática, que decorre da explicitação dos destinatários preferenciais da obra. Veja-se, por exemplo, a entrada *Ethos*. Não sendo uma entrada sintética, não é também das mais desenvolvidas, ocupando, contudo, 10 páginas. A extensão da entrada justifica a sua estruturação em *Ethos I; Ethos II, Ethos III e Ethos IV*. No primeiro, o autor começa por explicar o significado do termo, em conexão com outros termos gregos, para passar às traduções latinas e, finalmente, às traduções francesas, sem descuidar, particularmente, aproximações e divergências face a termos em inglês, usados no quadro da retórica americana. Este é um trabalho terminológico fundamental para qualquer domínio teórico. Em *Ethos II*, percorre os contributos de várias teorias; começa com as propostas de Aristóteles, que documenta com excertos de traduções do livro da *Retórica I*. A referência à estrutura patémica do *ethos* é motivo para um reenvio a uma outra entrada, a do *pathos* (p. 243). Não havendo remissão para a entrada *émotions*, um tema tão desenvolvido ultimamente por Plantin (2011), a consulta desta, no entanto, reenvia a *ethos* (p. 229) evidenciando uma rede de reenvios muito profícua para uma leitura não sequencial.

Plantin comenta, ainda, as traduções existentes e a importância das opções feitas pelos tradutores. Ainda nesta secção, é tratado o tema «Ethos et argument d'autorité», com reenvio à entrada «politesse argumentative»; termina com algumas reflexões sobre o *ethos* nos estudos atuais sobre o discurso argumentativo, com referências, naturalmente, a Amossy, 1999, mas também a Kerbrat-Orecchioni, 1980, a propósito da subjetividade na linguagem. Ducrot (1984), Mainguenu (1999) e novamente Amossy, são retomados nos contributos que têm dado à moderna teoria do *ethos*, nomeadamente na categorização que o autor apresenta como *ethos mostrado, tematizado e de reputação* (p. 249). Sobressai, em apartado diferente aliás, a generalização do *ethos* a todos os discursos com uma consequência para a qual o autor adverte, o da sua naturalização, passando de categoria de ação retórica a categoria descritiva aplicável a todos os discursos (p. 247).

Ethos III é dedicado à relação entre *ethos* e estilística, remontando a Hermógenes de Tarso e à prevalência de um *ethos* de sinceridade como estratégia discursiva, o que motiva o reenvio à entrada «stratégie». A última abordagem, *Ethos IV*, centra-se no auditório, enquanto possuidor de uma reputação coletiva, de grupo. O reenvio a entradas como *Persuasion* e *Croyances de l'auditoire* completam a entrada.

A consulta de diferentes entradas torna ainda mais evidente a preocupação do autor em construir uma coerência conceptual que, não podendo ser exaustiva, é esclarecedora para todos os públicos que o autor adequadamente previu.

Deve finalmente assinalar-se, para além de outras categorias argumentativas nucleares, a centralidade conferida aos tipos de argumentos, que ocupam cerca de 60 entradas.

Apresentando-se como um instrumento de trabalho imprescindível, muito teríamos a ganhar com a tradução para Português desta obra maior dos estudos linguísticos sobre a argumentação.

Referências bibliográficas

- Amossy, Ruth, (1999), «La notion d'ethos, de la rhétorique à l'analyse du discours», in Amossy, Ruth (ed), *Images de soi dans le discours. La construction de l'ethos*, Genève, Delachaux et Niestlé, p. 9-30.
- Amossy R. 2011. «Des sciences du langage aux sciences sociales: l'argumentation dans le discours», *A contrario*, 2 (n° 16), p. 10-25.
- Charaudeau, Patrick et Maingueneau, Dominique (2002), *Dictionnaire d'analyse du discours*, Paris, Seuil.
- Ducrot, Oswald (1984), *Le dire et le dit*, Paris, Minuit.
- Maingueneau, Dominique (1999), «Ethos, scénographie, incorporation», in Amossy, Ruth (ed), *Images de soi dans le discours. La construction de l'ethos*, Genève, Delachaux et Niestlé, p. 75-102
- Maingueneau, Dominique (2014), *Discours et analyse du discours. Introduction*, Paris, A. Colin.
- Plantin, Christian (2011), *Les bonnes raisons des émotions. Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné*, Berne, Peter Lang.
- Plantin, Christian (1996), *L'Argumentation* (col. Mémo), Paris, Seuil.
- Plantin, Christian (1990), *Essais sur l'argumentation*, Paris, Kimé.

Maria Aldina Marques
mamarques@ilch.uminho.pt
Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos
Universidade do Minho.